



Para um olhar além do Blockbuster Um Estudo de Recepção dos Filmes da Mostra de Cinema Infantil

Daniel MENDES MOREIRA¹
Ilka GOLDSCHMITD²
Mariângela TORRESCASANA³

RESUMO

A pesquisa propõe uma reflexão sobre crianças enquanto receptores de audiovisual. O estudo ocorre em escolas de ensino fundamental de Chapecó, com alunos de 11 anos de idade a partir da exibição de filmes da Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis. Condicionadas à produção comercial que circula na TV, no cinema e na internet, a criança percebe diferentes maneiras de ver e mostrar o mundo através de filmes e espaços alternativos? A análise dos resultados possibilita perceber como a recepção dos filmes pelos alunos pode ser influenciada pelos hábitos de consumo já existentes. Nesta perspectiva, provocar o olhar dos alunos em relação a filmes que não possuem uma narrativa “*hollywoodiana*” gerou certo estranhamento. Os estudantes demoraram a perceber os elementos da narrativa que denotam mais reflexão, passando quase que despercebidos, não fosse o debate após as sessões.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; cultura; crianças; *blockbuster*, recepção

O cinema encontra um espaço privilegiado no cotidiano da sociedade contemporânea e se configura como um dos principais mercados de entretenimento em todo o mundo, atingindo surpreendentes patamares de produção. Somente o Brasil fechou o ano de 2014 com 114 longas-metragens brasileiros lançados, e mais 19 milhões de espectadores foram às salas de cinema. A questão é que sendo o cinema uma indústria, um negócio, a sua distribuição está sujeita ao fluxo capitalista. Os filmes exibidos nas salas de cinema e na televisão não seguem a lógica da diversidade produzida e sim da concentração de investimentos. O contraponto à circulação comercial são as exibições de filmes em espaços alternativos: festivais, mostras, cineclubes, escolas, universidades e espaços públicos. É nessas telas improvisadas que a

¹ Daniel Mendes Moreira – graduando em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo, Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó. Bolsista do Núcleo de Pesquisa em Mídia Cidadã. daniel_moreira@unochapeco.edu.br

² Ilka Goldschmidt – Mestre pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. Professora da Área de Ciências Sociais Aplicadas na Unochapecó e pesquisadora vinculada ao Grupo de Pesquisa em Comunicação e Processos Sócio-Culturais e aos Núcleos de Pesquisa em Jornalismo e Desenvolvimento Regional e em Mídia Cidadã. ilka@unochapeco.edu.br

³ MariângelaTorrescasana - mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e UFSM; Vice-Diretora da Área de Ciências Sociais Aplicadas; Professora do Curso de Jornalismo da Unochapecó Pesquisadora do Núcleo de Iniciação Científica em Mídia Cidadã; e-mail: mariangela@unochapeco.edu.br



diversidade de narrativas, formatos, culturas e histórias projetam novos olhares sobre a humanidade.

Ao propor estudar a recepção de filmes da Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis junto a estudantes do ensino fundamental de Chapecó, essa pesquisa buscou compreender como crianças condicionadas a uma produção comercial na TV, no cinema e na internet, percebem diferentes maneiras de ver e mostrar o mundo através do audiovisual. Espaços e produções alternativas como as possibilitadas pela Mostra de Cinema Infantil contribuem para a formação de cidadãos mais críticos, mais conscientes e autônomos como pressupõe a Mídia Cidadã?

“A melhor maneira de aprender é se divertindo. A minha maneira de ver o mundo e como me coloco nele foram direcionados pelas experiências cinematográficas que eu tive ao longo da vida”. A declaração de Adriana Rattes, fundadora e diretora do Grupo Estação de Cinema, que há mais de 20 anos exhibe filmes dos mais variados estilos, formatos e países para o público carioca, em especial para crianças e adolescentes, sintetiza um desejo de realizadores e exibidores de circuitos alternativos de que a arte possa libertar e inspirar vidas. Ainda para Adriana, o cinema tem dois significados: janela e espelho. Janela porque abre a visão das pessoas e espelho porque permite que elas também possam se ver nele.

A Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis completa em 2015 a sua 14ª edição. O evento teve início em 2002 e configura-se como o primeiro evento de audiovisual no Brasil voltado para o público infanto-juvenil. A idealizadora e diretora geral da Mostra, Luisa Lins, explica que a Mostra tem o objetivo de promover a diversidade e inclusão social e oferecer uma alternativa ao que é imposto pela televisão e cinema americano. Existe uma rica produção mundial voltada para o público infanto-juvenil, mas é desconhecida por questões de financiamento e distribuição. “Na realidade, é a produção cinematográfica norte-americana que ocupa boa parte da mídia internacional, dominando aproximadamente 95% do mercado mundial”, informa Adriana Rattes. As produções que compõem a Mostra traduzem a multiplicidade cultural do Brasil e do mundo. De acordo com os organizadores, a diversidade é valorizada porque é considerada fundamental para o desenvolvimento da consciência e cidadania.

Blockbuster é um termo de origem inglesa que indica um filme ou documentário produzido de forma exímia, sendo popular para muitas pessoas e que pode obter elevado sucesso financeiro a partir de ampla circulação. Ir além do *blockbuster* é ver aquilo que não teve tanto sucesso, que não é popular, e não deixa de ser bom. No campo cinematográfico, as



teorias de recepção e da espectralidade fílmica surgiram na década de 70, com a problemática da constituição do sujeito espectador a partir de abordagens psicanalíticas, discursivas, pragmáticas, socioculturais e sociológicas. De acordo com Chartier, “as práticas de recepção devem ser vistas e entendidas como modos de apropriações que, além de transformarem os objetos culturais recebidos, os reformulam” (apud BAMBÁ p.60, 2013). Para Marialva Monteiro, um filme é capaz de suscitar uma infindável variedade de interpretações, que se modificam não só de acordo com o contexto cultural do receptor, mas também ao longo do tempo. (MONTEIRO, p123, 1990).

O estudo de recepção foi realizado com crianças de 11 e 12 anos de idade, alunos do 6º ano do ensino fundamental da Escola de Educação Básica Marechal Bormann, de Chapecó (SC). A faixa etária selecionada corresponde ao limite entre o ser criança e o ser adolescente, ao mesmo tempo em que ainda se é criança já se percebe uma desenvoltura significativa nos diálogos e socializações das percepções o que contribui para compor os dados que irão gerar as análises. A primeira etapa foi a análise socioeconômica dos estudantes. Os questionários revelaram o perfil dos estudantes e um dos dados que mais chama a atenção é a facilidade do acesso à internet, independente da situação econômica os estudantes acessam a rede e assim tem possibilidade de assistir a conteúdos diversos. Não existe, nesta perspectiva, uma exclusão do ponto de vista do acesso aos meios culturais, mas existe uma força dos conteúdos que predominam nestes meios. Para acessar conteúdos mais densos e reflexivos é preciso ser provocado e apresentado a eles.

Para a exibição foram selecionados quatro filmes da Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis. “A grande viagem”, uma ficção com direção de Carolini Firatti e 15 minutos de duração. “O filho do vizinho”, dirigido por Alex Vidigal, também ficção e com sete minutos de duração. “Menina da Chuva”, que foi desenvolvido pelo projeto Rosamaria, é uma animação com seis minutos de duração também entrou na lista de exibição. A última obra selecionada foi o documentário “Disque quilombola”, dirigido por David Reeks tem 13 minutos de duração. A escolha deste filmes se deu a partir de olhar criterioso quanto à diversidade de temas e gêneros além de depender do pouco tempo disponibilizado pela escola para a exibição. A escolha também teve a distinção de linguagem cinematográfica: ficção, documentário e animação.

As exibições aconteceram no ambiente escolar, porém, em um espaço alternativo que não a sala de aula, composto de uma sala escura e de uma grande tela branca, cadeiras dispostas como em um cinema e pipoca, na tentativa de recriar o clima da exibição em sala



escura. Além da conversa em grupo, os alunos responderam individualmente um questionário com quatro questões. As perguntas indagavam sobre o filme e relacionavam os acontecimentos do filme com a vida de cada um. Havia também um espaço para que cada um desenhasse uma cena que lhe chamou atenção, ou algo que representasse o filme.

O primeiro filme exibido foi o curta de ficção "O filho do Vizinho". O curta tem a duração de seis minutos e conta a história de dois personagens: o filho do vizinho e Ronaldinho. "O filho do vizinho" não parava um só instante, jogava bola, soltava pipa, corria para lá e para cá irritando muitas vezes os adultos. O segundo é um menino quieto. Para muitos adultos, Ronaldinho é um exemplo de criança. Ele passa os dias observando, da janela de sua casa, as peripécias do filho do vizinho, negando todos os convites do menino de sair para a rua e participar das brincadeiras. A aluna D. S., de 12 anos, disse que o menino não saía de casa por conta de sua mãe que não deixava. Já o estudante A. C. também de 12 anos, comentou que o que impedia o menino de sair de casa era "alguma" dificuldade. No final, a descoberta: Ronaldinho é cadeirante. Eles ficaram surpresos e pensativos. Na sala de aula existem dois estudantes que possuem necessidades especiais, com isso a discussão foi sobre a infância de um estudante com deficiência, com as suas limitações físicas e as que são impostas pela família e sociedade. Os estudantes fizeram comentários a partir da sua vivência.

O segundo filme foi "A grande viagem" que conta a história de seu Mário, um senhor que não consegue mais distinguir com clareza passado e presente. Ele revive em sua mente uma fase da vida em que vendia, de porta em porta, guias de viagem. Entretanto, Mário nunca viajou. Surge então a oportunidade de conhecer os quatro cantos da terra junto de Felipe, seu neto e parceiro nessa "grande viagem". Para isso vários elementos são inseridos em cena, deixando os estudantes um pouco confusos no início. A estudante L. M, de 11 anos acredita que todo o filme se passa na imaginação dos dois personagens, e acha que o menino foi maravilhoso quando entrou nessa aventura com seu avô que estava aposentado e doente. C.S. tem 12 anos e acredita que a aventura vivida no filme só foi possível devido à imaginação e que "podemos viajar para muitos lugares quando lemos coisas novas".

No segundo dia de exibição foi mostrada a animação "A menina da chuva" que trabalha com delicadeza o tema exclusão. Em um mundo no qual cada um tem a sua cor, a "menina da chuva" vive em uma busca de onde se encaixar, logo no início os alunos ficaram meio perdidos, e não conseguiram entender com clareza o que estava sendo retratado. A personagem principal passa o filme em busca de sua identidade. O aluno J. H. indagou que a situação da personagem principal era diferente da dos outros. "Eu acho que ela não tem pais,



acho que ela vive sozinha, fiquei triste por ela. Vi que ela não tem amigos. Quando eu era pequeno, eu também era assim, eu sou um pouco mais moreno que os outros, me chamavam de *baquiteriano*, e esse filme me fez lembrar disso". O tema *Bulling* entrou em discussão durante a conversa e também nas perguntas individuais, foi uma longa conversa sobre o filme.

A quarta e última exibição foi do documentário *Disque Quilombola*, curta que mais chamou a atenção dos estudantes. O filme aborda a diversidade e a riqueza da pluralidade cultural, o que nos une e o que nos diferencia. Através de um telefone de lata (telefone sem fio) é estabelecida uma conversa entre crianças de um morro e de uma comunidade quilombola, no município de Vitória, no Espírito Santo. O filme revela que há muitas semelhanças entre elas. P. L. de 12 anos, observou que as crianças eram todas pobres, mas se divertiam e eram felizes com as poucas coisas que tinham. L. F. de 11 anos disse que o audiovisual não o faz lembrar momentos ou brincadeiras que tenha vivido, mas sim de histórias que o seu pai conta. "Eu gostei muito da hora que eles fizeram o carrinho de madeira, meu pai sempre conta que passou por essas coisas". O curta foi considerado pelas crianças como "muito inteligente e criativo", porque "mostra as culturas de outras crianças".

A análise dos resultados possibilita perceber como a recepção dos filmes pelas crianças pode ser influenciada pelos hábitos de consumo já existentes. O olhar dos alunos de uma certa forma está preparado para situações e acontecimentos que são debatidos no âmbito escolar ou da sociedade em que vivem. Como foi possível perceber com o tema *Bulling*. É certo que a recepção filmica é subjetiva e nem tudo é percebido ou relatado logo de imediato ao assistir ao filme. O conhecimento, as reflexões, a identificação com personagens e histórias, os sentimentos provocados podem ser manifestados e percebidos com o passar do tempo, ainda mais quando o público é jovem. Ao provocar o olhar para filmes com uma narrativa diferente da que predomina nos filmes infantis e infanto-juvenis que ocupam as telas de cinema e da televisão comercial, sabe-se que a intenção é habituar a recepção a outras percepções e conteúdos estéticos.

Referências

- BAMBA, Mahomed. **A recepção cinematográfica—teorias e estudos de caso**. EDUFBA: Salvador (BA), 2013.
- COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, São Paulo, 2011.
- GIRARDELLO, Monica Fantin Gilka. **Liga, Roda, Clica: estudos em mídia, cultura e infância**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.
- MONTEIRO, Marialva. **A recepção da mensagem audiovisual pela criança – a busca de um olhar antropológico diante do espectador cinematográfico infantil-dissertação de mestrado**. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas. Instituto de Estudos Avançados em Educação. 1990.



X X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã e V Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadã

UNESP | FAAC | Bauru-SP | 22-24 de abril de 2015
